

Israel dá início à invasão por terra do sul do Líbano na guerra ao Hezbollah



Por ar. Fumaça é vista após ataque aéreo israelense, que teve como alvo um bairro no subúrbio ao sul de Beirute: 95 pessoas morreram em bombardeios no país antes mesmo da incursão terrestre

NOVA FASE DA GUERRA

Israel inicia invasão terrestre no Líbano em 'ação limitada' contra Hezbollah

BEIRUTE/LEIAPY

Israel iniciou, na madrugada de hoje (noite de ontem no Brasil) uma incursão terrestre no território libanês, no que o governo israelense considera ser a "nova fase" na guerra contra o Hezbollah, e em meio a pesados bombardeios há pelo menos duas semanas. A ofensiva ocorre dois dias após a confirmação da morte do líder do grupo político-militar, Hassan Nasrallah, atingido por um bombardeio contra a base do Hezbollah nos subúrbios de Beirute. Segundo o Ministério da Saúde libanês, 95 pessoas morreram e 172 ficaram feridas em ataques israelenses antes mesmo da invasão.

Em comunicado, as Forças Armadas de Israel afirmaram que a incursão realizará "ataques limitados, localizados e direcionados" contra o Hezbollah em áreas próximas à fronteira, e que esses locais representam "uma ameaça imediata às comunidades israelenses". O texto diz ainda que a operação, chamada de "Flechas do Norte" envolve forças terrestres, com o apoio da aviação e de artilharia, em um "em um esforço coordenado".

Segundo fontes da agência Reuters e parte da imprensa li-

banesa, no entanto, um ataque israelense teria atingido o maior campo para refugiados palestinos no país, perto da cidade de Sidon, no sul.

MORTOS NA SÍRIA

Ao longo do dia, forças terrestres se concentraram perto da divisa entre Israel e Líbano, e em visita aos militares na área, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, sinalizou que a invasão era iminente, e que seria mais um passo no que os israelenses veem como uma operação militar crucial para garantir a segurança do norte do país, alvo recorrente dos mísseis do Hezbollah.

— A eliminação de Nasrallah é um passo importante, mas não é o final. Para garantir o retorno das comunidades do norte de Israel, empregaremos todas as nossas capacidades, e isso inclui vocês — afirmou Gallant, se dirigindo aos militares de uma brigada da região.

Imagens de satélite obtidas pela rede CNN mostraram cerca de 100 veículos militares, entre tanques e blindados, a cerca de 8 km da divisa. Informações adicionais apontam que os equipamentos começaram a chegar à região no dia 26 de setembro — um dia

antes do ataque aéreo que matou Nasrallah.

Quando a noite já havia caído na fronteira, os bombardeios se intensificaram, e sinalizadores — usados em movimentos de tropas por terra — começaram a ser vistos. Um jornalista da rede do Catar al-Jazeera, reportando ao vivo de Marjayoun, do lado libanês da fronteira, interrompeu algumas vezes a transmissão por causa de disparos de artilharia.

Além do Líbano, foram relatadas explosões em Damasco, na Síria, que também é alvo recorrente da aviação israelense. Segundo a TV estatal, três civis morreram, incluindo um jornalista da emissora, Safaa Ahmad. O governo sírio disse, em comunicado, ter interceptado "alvos hostis" perto da capital.

Em comunicado, o Hezbollah afirmou ter atacado posições israelenses nos arredores de Odaiseh e Kfar Kila, e garantiu ter provocado estragos. Israel não se pronunciou.

O vice-líder do grupo, Naim Qassem, afirmou, ainda no começo do dia, que estava preparado para resistir à invasão.

— Enfrentaremos qualquer possibilidade. As forças da resistência estão prontas para um confronto terrestre — disse, acrescentando que o

Hezbollah já iniciou o processo para escolher o sucessor de Nasrallah.

Há cerca de duas semanas, Netanyahu afirmou que um novo objetivo da guerra travada com o grupo libanês e na Faixa de Gaza era o retorno da população ao norte de Israel — desde outubro do ano passado, dezenas de milhares de pessoas deixaram a região por causa dos lançamentos quase diários de mísseis e foguetes.

CIDADÃOS RETIRADOS

Diante do agravamento da situação, vários países começaram a repatriar seus cidadãos no Líbano. O Reino Unido fretou uma aeronave que deixará Beirute amanhã, e dará prioridade a pessoas vulneráveis — as pessoas que tiverem acesso ao voo terão que pagar £ 350 (R\$ 2.550) por assento. O Canadá anunciou ter reservado 800 assentos em voos comerciais para que seus cidadãos deixem o país. O governo brasileiro também autorizou uma operação — o primeiro voo de verá transportar 240 pessoas até o fim de semana.

Ontem, os integrantes da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil), presente na área desde 1978, não conseguiram se movi-

mentar para posições mais seguras, tampouco realizar as funções previstas na fronteira. Hoje, a força é composta por cerca de 10 mil integrantes.

Os militares do Líbano também abandonaram, horas antes da invasão, posições próximas à fronteira, se repositionando a cerca de 3 km da divisa. Autoridades não confirmaram ou negaram a movimentação, que pode ter como objetivo evitar um confronto direto com as tropas de Israel

— o Hezbollah, apesar de ser uma das maiores forças militares não estatais do mundo, não tem relação formal com as forças de defesa do Líbano.

Segundo fontes do governo americano, Israel já realizou ações terrestres pontuais antes do anúncio da invasão, algumas ao longo "de meses", que seriam atos de preparação.

Citando integrantes do governo israelense, o site Axios afirma que a incursão será limitada, e os planos iniciais não incluem uma nova ocupação do sul do Líbano, como a ocorrida entre 1982 e 2000. Um funcionário ouvido pela CNN confirmou que a ação deve ser restrita à fronteira e a estruturas do Hezbollah.

Contudo, existe o temor em Washington de que os planos

possam ter sido alterados nas últimas horas, e agora tenham em vista uma invasão de grande porte. Pela manhã, o presidente americano, Joe Biden, disse que as ações dentro do Líbano deveriam parar.

— Sei mais do que vocês podem imaginar e estou confortável com eles parando — disse Biden ao ser questionado se estava confortável com a operação. — Deveríamos ter um cessar-fogo agora.

Mais cedo, enquanto os militares aguardavam a autorização para a invasão, a capital do Líbano, Beirute, voltava a ser atingida por pesados bombardeios, que atingiram a área central da cidade. Contudo, a maior parte dos ataques se concentrou no subúrbio de Dahyeh, conhecido por ser o bastião do Hezbollah. Segundo a agência estatal, os ataques "causaram a destruição de várias estruturas, especialmente complexos residenciais".

PRÓXIMO ALVO: IRÃ?

Horas antes da confirmação da incursão militar no Líbano, Netanyahu fez um discurso em tom ameaçador voltado ao Irã, principal apoiador político, financeiro e militar do Hezbollah. O premier afirmou que a morte de Nasrallah e de outras lideranças do grupo mostraram que "não há um lugar sequer no Oriente Médio que Israel não possa atingir". E completou dizendo que a eventual queda do regime dos aiatolás "virá mais cedo do que as pessoas pensam".

— Quando esse dia chegar, a rede terrorista que o regime construiu em cinco continentes estará falida. O Irã prosperará como nunca antes: investimento global, turismo massivo, inovação tecnológica brilhante baseada nos tremendos talentos que existem dentro do Irã. Isso não são o melhor do que pobreza, repressão e guerra sem fim? — disse, chamando as lideranças iranianas de "pequeno grupo de fanáticos".

Mensagens do premier aos iranianos não são uma novidade, mas o contexto e o tom usado acendem alguns alertas. Há anos Israel e Irã travam uma guerra não declarada e marcada por sabotagens, assassinatos — especialmente de cientistas nucleares — e pelo uso de forças aliadas na região, como o Hezbollah. Mas após o início da guerra em Gaza, há um ano, os padrões do conflito passaram a incluir bombardeios diretos contra interesses iranianos, provocando também uma resposta militar.

Mas, ao mesmo tempo em que Israel aperta o tom do discurso, o Irã dá sinais de que não pretende se envolver na guerra. Em comunicado emitido pelo Ministério das Relações Exteriores, Teerã afirma que não enviará tropas para ajudar o Hezbollah a enfrentar a invasão israelense, mas que não tem medo da guerra.

"Eles [Hezbollah] têm capacidade e força para se defenderem da agressão".

Veículo: Imprensa -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 25